



Educação Ambiental na práxis do “Projeto Juqueriquerê... O rio pede socorro”: atuação socioambiental de egressos

Environmental Education in the praxis of the "Juqueriquerê Project... The river calls for help": socio-environmental action of graduates

Antonio Donizetti Sgarbi;¹ Silvia Regina Sgarbi;² Leonardo Bis dos Santos³

1 Doutor em Educação, Instituto Federal do Espírito Santo, Vila Velha, ES, Brasil – [antonio.sgarbi@ifes.edu.br/](mailto:antonio.sgarbi@ifes.edu.br)

 <https://orcid.org/0000-0003-2955-3939>

2 Especialista em Gestão Educacional, Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, Caraguatatuba, SP, Brasil – silviars30@gmail.com /  <https://orcid.org/0000-0002-1239-4743>

3 Doutor em Educação, Instituto Federal do Espírito Santo, Vitória, ES, Brasil – leonardo.bis@ifes.edu.br/

 <https://orcid.org/0000-0001-9048-8705>

Palavras-chave:

práxis ambiental;
comunidade e escola;
percepção de egressos;
projeto Juqueriquerê;
educação
socioambiental.

Resumo: Investiga os impactos da Educação Ambiental efetivada no projeto “Juqueriquerê: o rio pede socorro”, em especial o compromisso socioambiental de egressos. O projeto nasceu por ocasião da 1ª Conferência Infanto-Juvenil pelo Meio Ambiente, em 2003, numa parceria entre a comunidade escolar e a local. Tinha como objetivo desenvolver a educação ambiental de alunos do ensino fundamental e médio, a partir de ações para preservar o rio que banha três grandes bairros da cidade de Caraguatatuba - SP. Foram entrevistados jovens e jovens adultos que participaram do projeto quando tinham de doze a dezoito anos. Cada egresso participante construiu um texto relatando qual o envolvimento que teve com o projeto e que a percepção tem da contribuição do projeto para a sua formação. Ao analisar cada um dos relatos, constatou-se que sua participação no projeto impactou nas ações socioambientais praticadas por esses participantes egressos.

Keywords:

environmental praxis;
community and school;
perception of graduates;
Juqueriquerê project;
socio-environmental
education.

Abstract: Investigates the impacts of Environmental Education carried out in the Project "Juqueriquerê: the river calls for help", in particular the socio-environmental commitment of former students. The project was born on the occasion of the 1st Youth and Youth Conference for the Environment, in 2003, in a partnership between the school and the local communities. It aimed to develop the environmental education of elementary and high school students based on actions taken to preserve the river that bathes three large neighborhoods in the Caraguatatuba (SP) city. Both youngsters and young adults who participated in the project when they were between twelve and eighteen years old were interviewed. Each former participant constructed a text reporting on their involvement with the project and on their perceptions of its contribution to their formation. When analyzing each of the reports, it was found that their participation in the project had impacted on the socio-environmental actions practiced by these former student participants.



Introdução

O projeto “Juqueriquerê... O rio pede socorro!” começou a ser desenvolvido em 2003 por iniciativa dos educadores da Escola Estadual Ismael Iglesias, situada no Bairro Barranco Alto na cidade de Caraguatatuba, litoral norte de São Paulo. A 1ª Conferência Nacional Infanto-Juvenil pelo Meio Ambiente (CNIJMA) motivou a elaboração do projeto e serviu de tocasião para responder a uma demanda local: o cuidado com o Rio Juqueriquerê, meio de subsistência e lazer para muitas famílias da comunidade, maior rio navegável do litoral norte paulista e, pelos seus afluentes, fornecedor de água para as cidades de Caraguatatuba e São Sebastião. O projeto foi elaborado a partir de uma parceria entre a comunidade escolar e a comunidade dos bairros Morro do Algodão, Barranco Alto e Porto Novo, localizados no entorno do rio Juqueriquerê. Essa parceria nasceu do encontro de pais e parentes de alunos que frequentavam a escola e do trabalho conjunto com a Associação Caiçara do Juqueriquerê (ACAJU), uma organização não-governamental (ONG) fundada em 2000 com a finalidade de preservar o rio e a cultura caiçara. Segundo Layrarges (2009, p. 17):

O fato é que os efeitos da crise ambiental já são sentidos na vida cotidiana dos seres humanos, e uns são mais vítimas dos danos ambientais dos que outros, a ponto de terem sido cunhados novos conceitos definidores desse fenômeno: fala-se de risco e vulnerabilidade ambiental a que determinados grupos sociais são submetidos, quando suas condições de vida ou de trabalho são ameaçadas em função da degradação ambiental, [...].

Alguns educadores da escola tinham clareza de que os alunos e a população dos bairros adjacentes eram parte das vítimas de danos ambientais, já que suas “condições de vida” e trabalho eram ameaçadas em função da degradação ambiental, pois alguns dependiam do rio para trabalhar e também de sua água, utilizada para abastecer a cidade. Nesta situação, nasce o projeto para preservar o rio Juqueriquerê e construir conhecimento com estudantes do ensino básico da região a partir de uma práxis educativa. Os desafios ambientais encontrados foram vistos como ocasião pedagógica para a formação daqueles adolescentes.

O projeto envolve basicamente três bairros que nasceram às margens do Juqueriquerê: Morro do Algodão, Barranco Alto e Porto Novo. A população destes bairros é formada por comunidades heterogêneas, com moradores nativos e de várias gerações, e moradores itinerantes que, por vezes, permanecem de um a três meses no bairro. Duas escolas estaduais (EE) atendem à população dos Bairros: E. E. “Ismael Iglesias” (Ismael), situada em Barranco Alto, e E. E. “Avelino Ferreira” (Avelino), em Porto Novo.

A comunidade escolar é constituída de alunos de classe média baixa, muitos filhos de pescadores, trabalhadores autônomos, informais e do comércio. Boa parte dos alunos não nasceu em Caraguatatuba, sendo oriundos de cidades do Vale do Paraíba e de outros estados, como Minas Gerais e Bahia. Muitos não têm moradia definitiva na cidade; vêm em busca de

trabalho temporário e, quando encerrado, deslocam-se para outras cidades. De forma geral, a clientela não difere da de outras escolas públicas da periferia de Caraguatatuba: grande parte carente, com muitos alunos provenientes de lares desfeitos ou desestruturados pela falta de emprego ou atividade econômica.

O Ismael atende a alunos do ensino fundamental e médio; o Avelino, até 2013, atendia ao Ensino Fundamental e Médio, mas, a partir de 2014, passou a atender somente ao Ensino Médio, recebendo, além de alunos do bairro Porto Novo, alunos dos bairros adjacentes: Barranco Alto, Morro do Algodão, Praia das Palmeiras, Travessão, Perequê Mirim, Pegorelli, Rio Claro e Poço das Antas.

Do nascimento do projeto, em 2003, até 2018, quando se aposentou, a diretora da E. E. Ismael Iglesias respondeu pela sua coordenação. Em 2013, com a possibilidade de municipalização do Ismael, a diretora e alguns membros da direção pediram remoção para o Avelino. Assim, a coordenação do projeto mudou de escola, mas manteve a equipe executora, na época dividida entre as duas escolas. Em 2014, vários servidores do Ismael também se removeram para o Avelino, que passou a contar com quase toda a equipe executora.

Com a transferência da coordenação do projeto para o Avelino, em 2013, e também com a morte de um de seus apoiadores em 15 de dezembro de 2013, o escritor e jornalista Leonardo Morelli (LEONARDO..., 2013; LEIA A CARTA..., 2013),¹ nasceu o desejo e a necessidade de se fazer um registro / reflexão das atividades do “Projeto Juqueriquerê... O rio pede socorro”, que se inicia em 2014, na parceria da coordenação do projeto com professores do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática (EDUCIAMAT), e depois com o Programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades (PPGEH), ambos do Instituto Federal do Espírito Santo (IFES). Numa primeira fase, a questão que conduziu os estudos centrava-se em como esse projeto, iniciado por ocasião da 1ª Conferência Nacional Infante-Juvenil pelo Meio Ambiente, foi capaz de desencadear ações de educação ambiental crítica e transformadora. Estes estudos foram concluídos em 2015.

Em 2017, por ocasião do processo de aposentadoria da proponente do projeto (efetivado em 2018), iniciou-se a segunda fase deste estudo a fim de responder às seguintes questões: a parceria escola & comunidade para desenvolver ações em busca da transformação de uma situação da realidade local pode construir valores que repercutam na vida pessoal e profissional dos estudantes egressos (que atuaram naquela ação)? Existem indícios de que a educação ambiental que os egressos receberam foi consistente, impactou e tem impactado na

¹ Neste dia, Morelli, ex-secretário da Defensoria Social, Seção Brasileira da Agência Latinoamericana para el Desarrollo Sostenible, foi encontrado morto em um quarto de hotel em Florianópolis deixando “uma carta com gravíssimas denúncias” sobre “a violação dos direitos fundamentais do povo” e reafirmando seu compromisso pela CIDADANIA ATIVA como ferramenta para a conquista da JUSTIÇA SOCIAL e AMBIENTAL (LEONARDO..., 2013; LEIA A CARTA..., 2013).

forma dos mesmos se relacionarem com questões socioambientais onde vivem? Em resumo, é possível medir até que ponto a educação ambiental recebida impactou na atuação social de egressos desse projeto? O texto em tela é fruto desta segunda fase do estudo, enquanto que o relato da primeira foi publicado como capítulo de livro (SGARBI, S.; SGARBI, A.; LEITE, 2015)².

Em busca dessas respostas, houve um esforço de contatar jovens e jovens adultos que participaram do “Projeto Juqueriquerê... o rio pede socorro”, quando tinham de doze a dezoito anos. Foi solicitado que cada egresso elaborasse um texto relatando seu envolvimento com o projeto e sua percepção das contribuições na formação de sua consciência socioambiental. Nove egressos aceitaram participar da pesquisa, elaborando cada um o seu relato. Tais textos são brevemente analisados à luz da fundamentação teórica do projeto que, na ocasião sua criação, consistia basicamente na Lei no 9.795, de 27 de abril de 1999, que tratava da educação ambiental e instituiu a Política Nacional de Educação Ambiental (BRASIL, 1999). Porém, estes fundamentos foram melhor aprofundados à medida em que o projeto avançava.

O projeto e seu desenvolvimento

A chamada para participar da 1ª NIJMA, que ainda não era uma ação do programa Vamos Cuidar do Brasil com as escolas, oportunizou aos educadores da EE Ismael Iglesias, situada em Caraguatatuba/SP, o diálogo com os alunos e a elaboração de um projeto sobre o meio ambiente naquela realidade concreta. Assim, com a coordenação da direção da escola, nasceu o projeto “Juqueriquerê... o rio pede socorro”. Tratava-se de uma temática muito cara a toda comunidade escolar e local, dada a importância do Rio Juqueriquerê nas suas vidas.

No projeto original constava o contexto sócio-histórico da região (litoral norte de São Paulo), justificativa, objetivos, metas, recursos disponíveis, cronograma, ações que deveriam ser desenvolvidas e avaliação. Segue a transcrição de seu núcleo central:

- I. Objetivo: conscientizar a comunidade da importância do rio, sua recuperação e preservação;
- II. Metas: Conscientizar 100% da comunidade escolar sobre a importância do rio Juqueriquerê. Conscientizar 75% da comunidade ribeirinha sobre a importância da despoluição e preservação do rio;
- III. Ações: Palestras sobre o Rio Juqueriquerê e Meio Ambiente, com ONGS, Polícia Ambiental, etc.; Debates; Confecção de cartazes, folders; Passeata; Plantio de mudas nativas nas margens do rio; Mutirão de limpeza em trecho do rio que passa pelo bairro; Mutirão de limpeza no mangue; Conscientização da comunidade ribeirinha através de panfletagem; Cursos de capacitação; Parcerias; Divulgação na mídia sobre a poluição do rio;
- IV. Recursos da escola: a escola não conta com recursos financeiros para a realização do projeto, por isso buscará parcerias com ONGS, empresários, políticos e comunidade local;

² Livro este que foi fruto do Curso de Aperfeiçoamento Educação Ambiental promovido pelo Instituto UFC em parceria com o Ministério da Educação (MEC) e a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI), publicou o capítulo onde se encontra o relato.

V. Cronograma: O projeto “JUQUERIKERÊ ... O RIO PEDE SOCORRO”, iniciado em setembro de 2003, para participar da I Conferência Nacional Infanto-Juvenil pelo Meio Ambiente será incorporado ao Plano de Gestão da Unidade Escolar em caráter permanente procurando transformar tanto o espaço escolar como o seu entorno;

VI. Avaliação: o Projeto será avaliado após cada ação, identificando novos valores e mudanças de atitudes adquiridos (PROJETO..., 2003).

Vale ressaltar que o projeto inicial termina com uma informação simples, o apoio da ONG ACAJU. Este apoio e parceria sempre significou o grande trunfo do projeto, pois nessa pequena frase está materializada a parceria da Comunidade Local com a Comunidade Escolar.

Contudo, não havia pretensão de ir para além das ações de conservação e preservação, muito embora o projeto tenha incorporado objetivos alinhados a uma educação de cunho progressista ao longo de sua existência. Assim, as ações realizadas em seu primeiro ano consistiram em limpeza bimestral do rio, semestral do mangue e limpeza de Praias e Rios no 3º sábado do mês de setembro, além do Caiaquerê (descida de caiaque) e exposição de livros.

Também não havia, na primeira redação do projeto, uma fundamentação teórica consolidada. O projeto e sua fundamentação teórica desenvolveram-se a partir de ações práticas que respondiam às demandas da comunidade local. Percebe-se que no decorrer do projeto surgiram outros documentos que mais tarde foram utilizados para a sua fundamentação. Em uma redação de 2013, quando o projeto completou 10 anos, seus fundamentos foram explicitados de forma mais amadurecida e numa perspectiva mais crítica.

Nesta nova fase, o conceito de educação ambiental, que estava na base do projeto, já era outro. Diante da polissemia do termo Educação Ambiental, o projeto assumiu aos poucos em seu referencial teórico o conceito de educação ambiental na perspectiva crítica, emancipatória e política. Buscou seus fundamentos nos documentos da Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD) do Ministério da Educação (MEC), que trabalhava em sintonia Ministério do Meio Ambiente (MMA). Aos poucos, o projeto foi assumindo a visão de práxis educativa transformadora. Conforme os estudos de Loureiro (2003, p. 130 - 131):

A práxis educativa transformadora é, portanto, aquela que fornece ao processo educativo as condições para a ação modificadora e simultânea dos indivíduos e dos grupos sociais; que trabalha a partir da realidade cotidiana visando à superação das relações de dominação e de exclusão que caracterizam e definem a sociedade capitalista globalizada.

Mesmo sem muita consciência no início, mas tendo como base os documentos oficiais, o projeto foi assumindo a educação como algo a mais do que uma educação “sobre”, “no”, “para” o meio ambiente, segundo define a canadense Lucie Sauvé (1997 apud SECAD/MEC, 2007, p. 16-17). Assim, conforme SECAD/MEC (2007, p. 17), entende-se a educação:

[...] *a partir* do meio ambiente, que considera, além das demais incluídas, os saberes tradicionais e originários que partem do meio ambiente, as interdependências das

sociedades humanas, da economia e do meio ambiente; a simultaneidade dos impactos nos âmbitos local e global; uma revisão de valores, da ética, atitudes e responsabilidades individuais e coletivas; a participação e a cooperação; o pensamento altruísta que considera a diversidade dos seres vivos, os territórios com sua capacidade de suporte, a melhoria da qualidade de vida ambiental das presentes e futuras gerações; os princípios da incerteza e da precaução (SECAD/MEC, 2007, p. 17, grifo no original).

Outro princípio do projeto foi a perspectiva Pedagógica da Educação Ambiental (EA), que contemplava uma “visão global e sistêmica da realidade, de abertura da escola ao seu entorno, ao recurso da metodologia da resolução de problemas ambientais locais concretos” (SAUVÉ, 1997 apud SECAD, 2007, p. 18). Ou seja, se propunha uma EA que não enfatizasse somente o ambiente biofísico, nem somente centrasse as suas ações no indivíduo ou grupo social. Assim, a nova perspectiva pedagógica uniu esses dois pontos e abriu a escola para a comunidade com suas demandas concretas.

No decorrer do projeto, buscou-se como referencial a concepção de uma Educação Ambiental que se articulasse com as *forças progressistas*, contra a que se articulava “com as *forças conservadoras* da sociedade, visando respectivamente a transformação ou a manutenção das relações sociais” (LAYRARGUES apud SECAD/MEC, 2007, p. 18). Nessa linha de pensamento, buscou-se pensar o projeto Juqueriquerê a partir dos seguintes fatos:

- A crescente crítica contra a ingenuidade do modelo convencional de Educação Ambiental;
- A ausência de resultados palpáveis atribuídos à ação da Educação Ambiental;
- A mudança do contexto do ambientalismo, que deixou em segundo plano as atividades preservacionistas e conservacionistas para atuar em primeiro plano na construção de espaços públicos participativos de negociação da gestão ambiental;
- A necessidade de se buscar um enfrentamento político dos conflitos socioambientais (SECAD/MEC, 2007, p. 18).

Reforça-se que, no início, o projeto manifestava uma postura preservacionista e conservacionista. Uma postura mais crítica de Educação Ambiental foi integrada à medida que o projeto se desenvolvia através do estudo e de ações com a sociedade civil, em especial com a comunidade local e com organizações governamentais ou não.

Ações do projeto nos dez primeiros anos

Desde o início dos trabalhos havia a consciência dos educadores de que se tratava de uma ação pedagógica que trazia a dimensão política do meio ambiente para os debates que deveriam acontecer naquela escola de ensino fundamental, especialmente nas séries finais. Havia também clareza de que toda a comunidade deveria ser envolvida; muitos pais e parentes de alunos, ademais, eram também alunos da escola no Curso da Modalidade Educação de Jovens e Adultos.

Busca-se, neste momento, ordenar e classificar as ações do projeto nos seus primeiros dez anos de existência. De setembro de 2003 a dezembro de 2013, encontraram-se nos

arquivos do projeto 82 grandes atividades registradas. As ações miúdas do dia a dia dos professores em sala da aula, o contato, e as reuniões com a Comunidade Local certamente respaldam o valor destas ações consideradas de grande porte. As atividades foram ordenadas e classificadas segundo seu nível de abrangência. Em primeiro lugar, foram classificadas as atividades locais. Atividades realizadas nas e pelas Comunidades Escolares e Comunidades Locais (Moradores dos Bairros ou ONG ACAJU). Um exemplo de ação local é a limpeza do mangue, conforme as figuras que se encontram abaixo (Figuras 1 e 2).

Figuras 1 e 2 - Limpeza do Mangue



Fonte: Arquivo dos autores (28 mar. 2005; 15 jan. 2006)

Num segundo momento, foram classificadas as ações realizadas em nível municipal. Em terceiro lugar, as ações realizadas em nível regional (que reuniram cidades da região ou as cidades do estado de São Paulo). Em quarto lugar, a participação do projeto em atividades em nível nacional e, finalizando, as participações do projeto em nível internacional.

A primeira atividade do projeto foi denominada “Conscientização da comunidade escolar sobre a importância do rio Juqueriquerê”, iniciada em setembro de 2003 e ativa até agosto de 2004, que consistia em palestras, entrevistas, pesquisas, etc. A última foi a realização do X Caiaquerê, em 30 de novembro de 2013. Em suma, as ações decorrentes do projeto estão classificadas no Quadro 1.

Quadro 1 - classificação das atividades do projeto Juqueriquerê... o rio pede socorro de 2003 a 2013

QUANTIDADE TOTAL DE ATIVIDADES POR NÍVEIS	QUANT.	CLASSIFICAÇÃO DAS ATIVIDADES DO PROJETO JUQUERIKERÊ... DE 2003 A 2013
Nível Local: 57 atividades	10	CAIAQUERÊS
	09	Limpeza de rio
	09	Exposições de livros
	08	Limpezas de mangues
	08	Dia Mundial de limpeza de Rios e Praias
	08	Monitoramento do rio
	02	Preparação para Conferência Infanto-Juvenil para o Meio Ambiente
	01	Dia Mundial do Meio Ambiente
	02	Setembro 2003 a Agosto de 2004 – Conscientização da comunidade escolar sobre a importância do rio Juqueriquerê (Palestras, entrevistas, pesquisas, etc.).
Nível municipal: 09 atividades	03	Exposições (stand/tendas) em eventos
	05	Participação em Fórum/ Curso/ Semana do Meio Ambiente/ Dia Mundial da água
	01	Apresentação do projeto
Nível regional: 10 atividades	03	Cursos de capacitação/ Escola Chico Mendes
	07	Caminhada pela paz/ Fórum Social das Águas "em defesa da pesca artesanal"/ 1ª Conferências das Águas/ 1ª Fórum do Meio Ambiente- Grupo pé no Chão/ III Diálogo Interbacias de EA em Recursos Hídricos/ Workshop Ecologia "Alma Caiçara".
	01	07 de Março de 2005 – I Seminário Nacional Sobre Água e Paz, no CIMI - Brasília/DF. Parceria: Defensoria da Água, Prefeitura Municipal de Itú.
	01	08 de Março de 2005 – 1ª Conferência da Paz no Brasil, auditório Nereu Ramos, Câmara dos Deputados – Brasília/DF. Parceria: Defensoria da Água, Prefeitura Municipal de Itú.
	01	09 de Março de 2005 – Mesa de Diálogos entre a Defensoria da Água e a Agência Nacional das Águas. na Sede da ANA – Brasília/DF. Parceria: Defensoria da Água, Prefeitura Municipal de Itú.
Nível internacional: 03 atividades		25 e 26 de Outubro de 2004 – Participação do projeto no 1º Encontro Mundial dos Conselhos de Justiça e Paz – Roma / Itália. Parceria: Defensoria da Água e ONG "Grito das Águas", escritor Leonardo Morelli.
		27 e 29 de Outubro de 2004 – Participação do projeto na Conferência da UNCTAD, na ONU – Genebra / Suíça. Parceria: Defensoria da Água e ONG "Grito das Águas", jornalista escritor Leonardo Morelli.
		Dezembro de 2007 (10/12) – Prêmio Parceiros da Paz e da Sustentabilidade 2007/2008 – 60 anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos – IGWC – International Global WaterCoalition – Switzerland (Genebra) – CiAG – Coalition Internacional por el Agua Global e Nações Unidas - INSTITUIÇÃO PARCEIRA DA PAZ E DA SUSTENTABILIDADE.
82 atividades		

Fonte: Adaptado de Sgarbi, S., Sgarbi, A. e Leite (2015, p. 161).

Como não é o objetivo deste texto descrever o projeto de forma pormenorizada, uma vez que o relato de experiência já foi publicado em livro (VASCONCELOS; RIBEIRO, 2015, p. 139 – 168), optou-se por discorrer rapidamente sobre apenas uma atividade que se realizava anualmente, o Caiaquerê, momento da grande celebração do encerramento do projeto no ano. O Caiaquerê (Caiaque + Juqueriquerê), nome criado pela professora de ciências, é uma descida do rio com caiaques e canoas, ideia surgida de uma reunião pedagógica que discutia os próximos passos do projeto depois do encerramento do primeiro ano.

Figura 3 – V Caiaquerê (21 nov. 2008)



Fonte: Arquivo dos autores

Desta forma, em novembro de 2004, foi realizado o I Caiaquerê, evento exequível graças à parceria com a Comunidade Local e com a ONG ACAJU, em especial, que em conjunto com a comunidade escolar fazia um trabalho de conscientização da importância do rio Juqueriquerê, sua conservação e preservação. Durante o ano, eram organizados mutirões de limpeza no rio, no mangue e na praia e, no final do ano, a comunidade escolar e local desfrutava do rio limpo, participando de uma gincana que terminava com uma caminhada pelo seu entorno e com a descida em caiaques e canoas (Fig. 3).

Metodologia do trabalho

Pode-se classificar a pesquisa em tela como um estudo de caso que utiliza um roteiro (tipo entrevista semiestruturada) para que o(a) entrevistado(a) relate a sua experiência ao participar do projeto, as contribuições do projeto para a sua formação e a sua atividade atual.

[...] egressos de políticas sociais se revelam como atores potencializadores de articulação com a sociedade, como fontes de informações que possibilitam retratar a forma como a sociedade em geral percebe e avalia estas ações, tanto do ponto de vista do processo educacional, como também do nível de interação que se concretiza entre as políticas, os atores sociais e a sociedade. Tais informações são

imprescindíveis para o planejamento, definição e retroalimentação de políticas voltadas para a inclusão social (SILVEIRA; CARVALHO, 2012, p. 46).

Mesmo não sendo uma política pública propriamente dita, a Conferência Nacional Infante-Juvenil pelo Meio Ambiente teve seu papel no fortalecimento de uma política de Educação Ambiental. Vale lembrar que os dados foram analisados a partir do método dialético (CRUZ NETO, 1999).

Para efetivação da pesquisa, foram distribuídos 18 convites a egressos cujos endereços a escola ainda tinha acesso. O convite dizia:

Você foi convidado(a) a participar da pesquisa que estamos desenvolvendo e que fará parte de um artigo [dos professores...] o qual tem como objetivo verificar se o Projeto “Juqueriquerê... o rio pede socorro!” teve contribuição na sua Educação Socioambiental, e fazer uma avaliação do projeto à luz da percepção dos participantes do mesmo. Para que o objetivo seja atingido, consideramos importante conhecer sua história/experiência, pois você participou das ações do projeto e o artigo será construído a partir da história de participação de cada um. Dessa forma, sua participação é fundamental, uma vez que consiste em contar se o mesmo influenciou em sua formação como cidadão. Desde já agradecemos sua participação e solicitamos que o envio do texto com sua história seja encaminhado por e-mail (RELATÓRIO DO PROJETO DE PESQUISA..., 2019).

Logo após, havia um aviso: “(...) **importante**: seguem abaixo algumas questões que servirão de orientação e apoio. Escreva um texto tendo como roteiro os pontos abaixo. Inclua aquilo que você considera importante em relação à “educação ambiental” em geral” (RELATÓRIO DO PROJETO DE PESQUISA..., 2019). Feito este aviso, tínhamos as “Questões de apoio para a construção do texto”:

[...] Idade/ Formação/ Profissão/ Quantos anos você tinha quando começou a participar do projeto "JUQUERIKERÊ... o rio pede socorro"? Quanto tempo você participou do projeto?/ Em quais ações do projeto você mais participou? Tem alguma ação experienciada no projeto que merece destaque?/ A experiência vivenciada no projeto Juqueriquerê... o rio pede socorro" contribuiu com a sua educação socioambiental?/ Em suas ações hoje você tem envolvimento com alguma causa ambiental? Seja qual for sua resposta faça um comentário da mesma (RELATÓRIO DO PROJETO DE PESQUISA..., 2019).

As pessoas participantes da pesquisa foram convidadas via correio eletrônico. Dessas, quatro aceitaram de imediato participar das entrevistas e também de imediato responderam ao questionário, ainda por esse correio. Outras cinco responderam depois, tendo um tempo mais longo de construir o texto de forma mais detalhada. Das nove pessoas entrevistadas, houve três pessoas que participaram durante três anos, duas que participaram por pelo menos cinco anos do projeto, e três que participaram por seis anos ou mais do projeto. Preservando suas identidades, nomeamos as pessoas entrevistadas com nomes de rios brasileiros: Solimões, Pajeú, Araguaia, Piratini, Paraopeba, Doce, Tucuruí, Amazonas e Tocantins. Dessas nove, duas estudaram na modalidade Educação de Jovens e Adultos.

Análise de relatos de egressos

Entre os quatro primeiros egressos, foram lembradas ações como fóruns, jornais ambientais e trabalhos voltados diretamente à limpeza e conservação das margens do rio. Dentre as ações, foi unânime a lembrança de uma ação que faziam uma vez por ano: o Caiaquerê, uma descida de caiaque pelo rio recolhendo o lixo. Solimões afirma que essa ação era um destaque não só na comunidade, mas também “em toda a cidade”. À questão de se a experiência vivenciada no projeto contribuiu com a sua educação socioambiental, Solimões responde da seguinte forma: “Sim, este projeto foi a base para essa construção. Sempre que vejo assuntos relacionados, é inevitável não lembrar dessa experiência”. Pajeú respondeu dizendo “sim, contribuiu muito...”. Araguaia respondeu da seguinte forma: “Sim. Não apenas socioambiental, como [também] para criação do meu caráter. Até hoje, quando passo pelo rio, principalmente na altura dele localizada no bairro Morro do Algodão e vejo a limpeza do rio, que antigamente você nem o enxergava, me orgulho de ter feito parte daquilo”.

À questão de se, nas suas ações hoje, teriam envolvimento com alguma causa ambiental, Amazonas disse que não está envolvido diretamente com alguma causa ambiental, enquanto Pajeú respondeu: “hoje infelizmente não apoio nenhuma causa ambiental”. Piratini afirma “atualmente eu tento transmitir às crianças da creche [onde trabalho] a importância do meio ambiente”. Araguaia afirmou: “A empresa que trabalho hoje defende o meio ambiente, e constantemente buscamos soluções sustentáveis que não agridam o meio ambiente”.

Tucuruí participou do projeto dos 12 aos 17 anos. Foi escolhido para relatar o projeto como orador na Câmara dos Deputados do Estado de São Paulo e participou em grande parte contribuindo com a “confecção de artes gráficas”. Atua hoje como jornalista e não participa de nenhuma causa ambiental atualmente.

Paraopeba participou do projeto por três anos. Ao falar de sua contribuição no projeto, escreveu: “Particpei do projeto por três anos, creio que tinha 35 anos! Colaborei com várias ações desde os planos em sala de aula e até limpeza do rio. **Eu daria destaque para as gincanas e principalmente as paródias construídas pelos alunos**” (grifo no original). Diz ter convicção de que o projeto contribuiu para a sua formação socioambiental, mas não participa hoje diretamente de nenhuma atividade em defesa do ambiente.

Tocantins começou a participar do projeto quando tinha 42 anos e participou do projeto por oito anos. Lembra o envolvimento de seu filho de seis anos com o projeto. Hoje se envolve constantemente em ações como: limpeza de praias, descarte adequado de materiais como pilhas (posto de coleta na escola) e reciclagem de óleo usado e através da coleta seletiva. Relata que fez curso de meio ambiente por causa do projeto e que, embora não atue na área por falta de oportunidade, possui atuação cidadã em defesa do meio ambiente em

situação bem concreta diante de vereadores da cidade. Hoje é comerciante e está concluindo curso superior.

Amazonas tinha 11 anos quando começou a participar do projeto e o deixou quando concluiu o ensino médio, aos 17 anos. Relatando suas atividades no projeto, afirma:

[...] as minhas favoritas eram: as paródias que tínhamos que criar; a confecção de um objeto de matriz natural e/ou reciclável que viera a se tornar um símbolo representativo da equipe; e a etapa em que descíamos de caiaque rio abaixo, sentido a praia, onde encontrávamos um ponto em que o rio desembocava no mar, onde nessa região tínhamos que montar uma frase que era constituída por palavras escondidas no trajeto escola – rio – ponto de encontro (rio/praias). Minha primeira participação se deu aos 11 anos de idade, pouco sabia sobre desenvolvimento sustentável, sobre a necessidade da preservação dos ecossistemas e sobre a importância dos projetos socioambientais. Com o decorrer dos anos, conforme fui participando das edições seguintes fui desenvolvendo conhecimentos relacionados à natureza (Relatório da pesquisa..., 2019).

Amazonas chegou a participar de outras atividades em prol do meio ambiente e hoje, com 23 anos, está prestes a concluir o ensino superior no curso de odontologia. Ainda diz que:

Mesmo não sendo uma área ligada diretamente ao ecossistema, procuro sempre fazer os descartes corretos de materiais que podem contribuir com a contaminação da natureza. Realizo também, projetos sociais voltados à prevenção do desenvolvimento de doenças na cavidade oral de moradores de comunidades da cidade de São Paulo, comunidades estas que não possuem saneamento básico, com isso, [eu] oriento sempre os moradores sobre a necessidade do descarte correto dos lixos produzidos pela comunidade, evitando assim que as áreas circundantes sejam contaminadas e que todos estes dejetos não caiam em rios e regiões de preservação ambiental (Relatório da pesquisa..., 2019).

Escolhemos o relato de Doce para transcrevê-lo quase integralmente, tendo em vista que se trata de uma pessoa egressa do projeto que atua hoje em uma ação diretamente ligada à causa ambiental dentro de uma postura crítica: o Grupo Greenpeace Brasil. Eis o relato:

Me chamo [...], tenho 23 anos, sou formada em Serviço Social pela UNITAU [Universidade de Taubaté] e atualmente trabalho como Conselheira Tutelar do município de Caraguatatuba. Estudei da 5ª série até o 3º ano do ensino médio na escola E.E Ismael Iglesias [...]. Durante todos esses anos fiz parte do projeto, e claro que não posso esquecer de destacar o projeto do “Caiaquerê” que ficou marcado na história não só da escola, mas de todo o bairro. Um projeto espetacular que unia a força dos adolescentes, funcionários da escola e os próprios moradores do bairro que abraçavam o projeto também com o intuito de preservar o nosso meio ambiente e dar exemplo ao próximo com o ato consciente de cidadania e preservação ambiental. Além disso, era um momento muito esperado por todos os alunos, que se dedicavam com seus grupos nas realizações das etapas do campeonato que envolvia muita diversão, parceria e conscientização ambiental. Com certeza o projeto contribuiu para minha educação ambiental e acredito que o projeto deveria se expandir para diversas escolas, para que assim outras mentes possam ser conscientizadas. **Atualmente faço parte do grupo Greenpeace Brasil** que atua na defesa do planeta através de

conscientização pública, mobilização social, denunciando os crimes ambientais que ocorrem pelo nosso mundo. (Relatório da pesquisa..., 2019, grifo dos autores).

Num breve comentário sobre as respostas, lembramos a importância da construção de um currículo a partir da realidade local como forma de não separar o “mundo da escola” e o “mundo da vida” (FREIRE, 2016). Diante das respostas acima, percebe-se indícios de que os objetivos da práxis educativa transformadora foram em parte alcançados, embora saiba-se que a educação é um processo. Nos relatos, vemos indícios de que a parceria escola & comunidade para desenvolver ações em busca da transformação de uma situação da realidade local pode construir valores que repercutam na vida pessoal e profissional dos estudantes que atuaram naquela ação, estruturando valores, como dito anteriormente, uma postura crítica e transformadora da realidade diante das questões ambientais. Entre as nove pessoas entrevistadas, apenas uma está “diretamente” envolvida com a causa ambiental, mas nem por isso as pessoas entrevistadas estão alheias à questão, como pode ser verificado em seus respectivos relatos.

Considerações finais

Concluimos que a parceria escola & comunidade para desenvolver ações em busca da transformação de uma situação da realidade local pode construir valores que repercutam na vida pessoal e profissional dos estudantes que atuaram naquela ação. Especialmente quando se trata de educar para a cidadania, a postura educacional que se dá a partir de uma práxis é o melhor caminho. Constatamos que, no relato dos egressos, estão claros os indícios de que a educação ambiental que os participantes receberam foi consistente e que a mesma impactou e tem impactado na forma dos mesmos se relacionarem com questões socioambientais no *locus* onde vivem. Nota-se ainda que permanecem boas lembranças ao lado da aprendizagem de que é possível desenvolver ações transformadoras. Tais ações são desafiadoras, mas geram resultados concretos além de iniciar o processo de formação política, aquela que garante que as transformações sejam efetivas.

Ao estudar a situação atual do projeto, ficou claro que a sua coordenação geral, feita pela sua proponente, e o envolvimento da equipe executora foram essenciais para que o projeto permanecesse ativo por quinze anos. Com a aposentadoria da proponente do projeto, nem todas as ações continuaram a ser desenvolvidas. Em 2019, foi realizada a limpeza do rio de praia, no terceiro sábado de setembro (Dia Mundial de Limpeza de Rios de Praias), como de costume, contudo com um número reduzido de pessoas. Por outro lado, a ONG ACAJU continua com seus trabalhos em plena atividade, mesmo em tempo da pandemia, sobretudo graças ao seu fundador e presidente, senhor Pedro Paes, hoje com oitenta e quatro anos.

Chegamos também à conclusão de que é uma ação válida ouvir egressos a fim de identificar até que ponto a participação no projeto, desenvolvido na parceria escola & comunidade com intenção de elaborar ações visando a transformação de uma situação da realidade local, propiciou a formação de valores que repercutiram em suas vidas pessoal e profissional. A própria investigação não deixa de ser um incentivo aos educadores e educandos que passam a acreditar numa educação que transforma realidades.

O acompanhamento do projeto e a pesquisa com egressos demonstraram que a educação de valores e a busca de uma postura crítica e transformadora da realidade diante das questões ambientais se dá dentro de uma dialética. Ações que inicialmente eram apenas preservacionistas, contribuíram para que, aos poucos, tanto educadores como educandos fossem adquirindo uma consciência crítica. Dialeticamente, foram descobrindo que “a Educação Ambiental não é neutra, mas ideológica e que é um ato político, baseado em valores para a transformação social”, pelo quarto princípio do “Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Social” (SECAD/MEC, 2007, p. 18).

Enfim, foi possível constatar até que a educação ambiental recebida impactou de alguma forma na atuação social de egressos do projeto. Assim, reafirma-se com este trabalho a convicção de que a Educação Ambiental pode “transmutar-se gradualmente em uma Educação política, até desaparecer a necessidade de se adjetivar a Educação de ‘ambiental’” como afirma o documento da SECAD/MEC (2007), que embasou o projeto. Dentre os resultados constatados entre os que participaram da pesquisa, pode-se afirmar ainda que foram desenvolvidos valores socioambientais que repercutiram na vida pessoal e profissional daquelas pessoas.

É fato que uma lição é deixada: a de que os processos de conhecer e intervir no real não se encontram dissociados. Em síntese, como diz Auler (2007) “aprende-se participando”. Essa foi a proposta do Projeto Juqueriquerê e foi assim que se desenvolveu essa experiência de ensino/aprendizagem que pode ser classificada como exitosa, posto que deu oportunidade de conhecer e discutir as contradições presentes na realidade.

Agradecimento

À FAPES – Fundação de Amparo à Pesquisa do Espírito Santo que concedeu bolsa de pesquisador capixaba ao primeiro autor, nos anos de 2020 e 2021.

Referências

- AULER, Décio. Articulação entre pressupostos do educador Paulo Freire e do Movimento CTS: novos caminhos para a educação em ciências. **Contexto & Educação**, v. 22, n. 77, p. 167-188, 2007. Disponível em: <https://www.revistas.unijui.edu.br>. Acesso em: 26 fev. 2022.
- BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei no 9.795, de 27 de abril de 1999**. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. 1999. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19795.htm. Acesso em: 27 fev. 2022.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Educação Ambiental: aprendizes de sustentabilidade**. (Cadernos SECAD 1). Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/publicacao2.pdf> Acesso em: 20 jan. 2014.
- CRUZ NETO, Otavio. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, Maria Cecília (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 51-66.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.
- LAYRARGUES, Philippe Pomier. Educação ambiental com compromisso social: o desafio da superação das desigualdades. In: LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo; LAYRARGUES, Philippe Pomier; CASTRO, Ronaldo Souza de (Org.). **Repensar a Educação Ambiental: um olhar crítico**. São Paulo: Cortez, 2009. p. 11-32.
- LEIA a carta com graves denúncias deixada por suposto líder Black Bloc encontrado morto. **Folha Política**. 19 dez. 2013. Disponível em: <http://www.folhapolitica.org/2013/12/leia-carta-com-graves-denuncias-deixada.html>. Acesso em: 20 jan. 2014.
- LEONARDO Morelli, apontado como líder Black Bloc, é encontrado morto. **Folha Política**, 19 dez 2013. Disponível em: <http://www.folhapolitica.org/2013/12/leonardo-morelli-apontado-como-lider.html> . Acesso em: 20 jan. 2014.
- LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. Premissas teóricas para uma educação ambiental transformadora. **Revista Ambiente e Educação**, Rio Grande, v. 8, n. 1, p. 37-54, 2003. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/ambeduc/article/view/897>. Acesso em: 20 jan. 2014.
- PROJETO “Juqueriquerê... O Rio pede socorro”. EEEF Ismael Iglesias, Caraguatatuba, 2003.
- RELATÓRIO DE PESQUISA com egressos do Programa “Juqueriquerê... O Rio pede socorro”, Caraguatatuba, 2019.
- SILVEIRA, Olivia Maria Costa; CARVALHO, Leila Tibiriçá de. Estratégias metodológicas para pesquisa com egressos. In: LORDELO, Jose Albertino Carvalho; DAZZANI, Maria Virginia Machado (Org.). **Estudos com estudantes egressos: concepções e possibilidades metodológicas na avaliação de programas**. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 45-75. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/16837/1/estudo-com-estudantes-egressos.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2022

SGARBI, Silvia Regina; SGARBI, Antonio Donizetti.; LEITE, Sidnei Quezada Meireles. Juqueriquerê... O rio pede socorro: A Conferência Infanto-Juvenil pelo meio ambiente pode desencadear uma educação ambiental transformadora? In: VASCONCELOS, Francisco Herbet Lima; RIBERIO, Germano de Oliveira. (Org.). **Educação ambiental na perspectiva de transformação do cotidiano**: relação sociedade-natureza. Recife: Imprima, 2015. p. 139 – 168.

VASCONCELOS, Francisco Hebert Lima; RIBERIO, Germano de Oliveira. (Org.). **Educação ambiental na perspectiva de transformação do cotidiano**: relação sociedade-natureza. Recife: Imprima, 2015.

Sobre a autora e os autores

Antonio Donizetti Sgarbi

Mestre e Doutor em Educação (História e Filosofia da Educação) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Leciona filosofia em cursos técnicos, graduação e pós-graduação (Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática – EDUCIMAT) do Instituto Federal de Educação – Campus Vila Velha - ES. É líder do Grupo de Estudos e Pesquisa História e Filosofia da Ciência – HISTOFIC. É membro do Grupo de Estudos e Pesquisa História das Instituições e dos Intelectuais da Educação Brasileira (EHPS-PUC/SP). E-mail antonio.sgarbi@ifes.edu.br

Silvia Regina Sgarbi

Possui graduação em Biologia (Licenciatura e Bacharelado) pela Universidade de Taubaté (UNITAU), Pedagogia pela Universidade de Guarulhos (UnG) e Especialização em Gestão Educacional pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). É gestora aposentada da Rede Pública do Estado de São Paulo. E-mail – sgarbistr@gmail.com

Leonardo Bis dos Santos

Possui mestrado em Políticas Sociais pela Universidade Estadual do Norte Fluminense (2007) e doutorado em História, pela Universidade Federal do Espírito Santo (2016). Atua como professor do Instituto Federal do Espírito Santo - IFES – Campus Vitória- ES, onde leciona no ensino técnico, na graduação e pós-graduação (Programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades - PPGEH). Lidera o Grupo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Sociedade e Emancipação – GEPESE. É pesquisador de Produtividade do Ifes. E-mail – Leonardo.bis@ifes.edu.br